



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA CURSO  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**LUCAS SANTOS SOARES**

**OS PINCÉIS QUE CORREM NAS ONDAS E CORES DO TEMPO: AS  
REPRESENTAÇÕES DA CULTURA E DO COTIDIANO PARAIBANO ATRAVÉS  
DA ESTÉTICA DA ARTE NAÍF**

**GUARABIRA  
2024**

**LUCAS SANTOS SOARES**

**OS PINCÉIS QUE CORREM NAS ONDAS E CORES DO TEMPO: AS  
REPRESENTAÇÕES DA CULTURA E DO COTIDIANO PARAIBANO ATRAVÉS  
DA ESTÉTICA DA ARTE NAÍF**

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Artigo) apresentado ao  
Departamento do Curso de  
licenciatura plena em história da  
Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito parcial à obtenção do  
título de Licenciado em História.

**Área de concentração:** História da  
Arte

**Orientadora:** Profa. Dra. Naiara Ferraz Bandeira Alves

**GUARABIRA  
2024**

S676p Soares, Lucas Santos.

Os pincéis que correm nas ondas e cores do tempo [manuscrito] : as representações da cultura e cotidiano paraibano através da estética da arte Naïf / Lucas Santos Soares. - 2024.

22 f. : il. color.

Digitado.

Artigo Científico (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Prof. Dra. Naiara Ferraz Bandeira Alves, Departamento de História - CH".

1. Arte Naïf. 2. Cultura. 3. Guarabira-PB. 4. Ensino. 5. História. I. Título

21. ed. CDD 700.981

**LUCAS SANTOS SOARES**

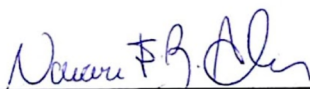
**OS PINCÉIS QUE CORREM NAS ONDAS E CORES DO TEMPO: AS REPRESENTAÇÕES DA CULTURA E DO COTIDIANO PARAIBANO ATRAVÉS DA ESTÉTICA DA ARTE NAÏF**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Área de concentração: História da Arte

Aprovada em: 18/11/2024.

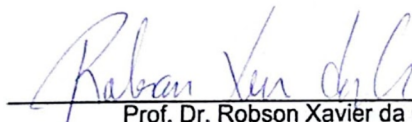
**BANCA EXAMINADORA**



\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Naiara Ferraz Bandeira Alves (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba  
(UEPB)



\_\_\_\_\_  
Profª. Dra. Susel Oliveira da Rosa  
Universidade Estadual da Paraíba  
(UEPB)



\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Robson Xavier da Costa  
Universidade Federal da Paraíba  
(UFPB)

Aos meus pais, familiares, amigos, e a todos aqueles que juntos, de modo inspirador, contribuíram neste processo de formação do meu ser profissional e artístico, tornando a caminhada mais leve e motivadora, DEDICO.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Cavalo Marinho, Adriano Dias, 2014, AST .....	8
Imagem 2 – Procissão de Nossa Senhora da Luz, Adriano Dias, 2021, AST.....	10
Imagem 3 – Festa no Parque, Adriano Dias, 2024, AST .....	12
Imagem 4 – Pau de Arara nordestino, Lucas Artes, 2023, AST .....	15
Imagem 5 – Bem-vindos à Vila de São João de Bananeiras, Lucas Artes, AST .....	17
Imagem 6 – Monalisa nordestina, Lucas Artes, 2024, AST .....	18

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>2</b>	<b>GUARABIRA: A CIDADE QUE BRINCA COM AS CORES .....</b>	<b>3</b>
<b>2.1</b>	<b>As cores tomam conta da cidade: Guarabira e o surgimento do primeiro grupo de artistas naïfs.....</b>	<b>5</b>
<b>2.2</b>	<b>Arte naïf e educação: Um mergulho no cotidiano artístico, colorido e cultural que visa dinamizar o processo de desenvolvimento e aprendizagem.....</b>	<b>6</b>
<b>2.3</b>	<b>Adriano Dias pelas cores de Guarabira.....</b>	<b>8</b>
<b>3</b>	<b>Os reflexos do primeiro grupo de artistas naïfs de Guarabira sob a nova geração de artistas e o surgimento de novos grupos.....</b>	<b>14</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>20</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>21</b>

# OS PINCÉIS QUE CORREM NAS ONDAS E CORES DO TEMPO: AS REPRESENTAÇÕES DA CULTURA E COTIDIANO PARAIBANO ATRAVÉS DA ESTÉTICA DA ARTE NAÏF

LUCAS SANTOS SOARES<sup>1</sup>

[lucas.santos.soares@aluno.uepb.edu.br](mailto:lucas.santos.soares@aluno.uepb.edu.br)

## RESUMO

A arte naïf a cada ano vem ganhando seu devido espaço no campo artístico por meio do fomento, incentivo e da valorização cultural do estado da Paraíba. Esse reconhecimento artístico da referida prática traz, como consequência, o surgimento das novas gerações de artistas naïfs. Neste artigo procura-se observar o processo de reconhecimento artístico da estética naïf na cultura paraibana e sua influência no processo de reconhecimento dos indivíduos na arte naïf, tendo como foco a cidade de Guarabira-PB que é reconhecida nacionalmente como a capital da arte naïf por meio de seu primeiro grupo de artistas naïfs. Para tanto, analisamos os reflexos deste grupo no fortalecimento da cultura do estado e no incentivo do surgimento das novas gerações e dos novos grupos de artistas, enaltecendo também estratégias dinâmicas para serem trabalhadas com a arte naïf em processos de ensino e de aprendizagem. Desta forma, com o objetivo de ressaltar o que grupos de artistas naïfs da cidade de Guarabira-PB trouxeram para o estado e para novos artistas, utilizo como forma de exemplificação dois artistas, sendo o primeiro, o que integra o primeiro grupo de artistas naïfs de Guarabira e o segundo, que vem ganhando o seu devido espaço na Paraíba, perfazendo relações da influência cultural e do grupo de artistas nesta nova geração. Para uma detalhada observação foram utilizadas três obras de cada artista, bem como uma análise sobre cada obra.

**Palavras-Chave:** Arte Naïf, Cultura, Guarabira-PB, Ensino, História

## ABSTRACT

The naïf art year by year is gaining its own proper sphere in the artistic field in virtue of promotions, encouragement, and cultural recognition from state of Paraíba. Furthermore this artistic recognition referenced by this practice brings, as result, the birth of new generations of naïf artists. This article seeks to observe the process of artistic recognizance of the naif esthetic in the paraibana culture and its influences in the development of outgrow aknowledgment of individuals in the naïf art, possessing as focus the city of Guarabira-PB, that is renowned nationally as the naïf art capital through their first association of Naïf artists. Alming this objective, it was made an analization of the reflexes from this group in the cultural state empowerment and in the emergence of incentive in new generations and new groups of artists, additionally, applauding futher dinamic strategies to utilize within the naïf art in teaching and learning procedures. Thus, with the goal of emphasizing what groups of

---

<sup>1</sup> Licenciando em História pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus III - UEPB



naïf artists from the city of Guarabira-PB carried not only to the state but also to new artists, as method of embodiment and exemplification, it was also brought two artists, the first artist being part of pioneer group of naïf artists in Guarabira, and the second, that is earning also a respectful space in Paraíba, accomplishing relations of cultural influence and the new group of artists in this generation. To a more elaborated observation it was referenced three pieces from each artists, in conjunction of an analysis related to each piece.

**Keywords:** Naïf art, culture, Guarabira-PB, teaching, History

## 1. INTRODUÇÃO

Quando ainda era adolescente, iniciei um processo de identificação do meu eu artístico no amplo campo da arte. Desde então, passei a trabalhar esse processo, mergulhando nas várias vertentes artísticas. Foi quando conheci o FIAN (Festival Internacional de Arte Naïf) que é realizado no mês de maio, na cidade de Guarabira. E foi assim que, por meio do contato com obras de diferentes artistas e de vários países do mundo, com características marcantes, cores vibrantes, de uma rica rememoração cultural e que, em sua maioria, retratam o cotidiano popular de seu estado, pude identificar minhas obras como arte naïf. A partir de então mergulhei nesse universo colorido e que faz parte da identidade cultural de Guarabira e do estado paraibano. Desde então, a arte naïf passou a integrar parte da minha vida, sendo fortalecido cada vez mais através da vivência cotidiana com o grupo de artistas naïfs da cidade de Guarabira e de outros estados e com o frequente contato com a cultura e as tradições que compõem o estado da Paraíba. É esse contexto artístico que nos instiga a trabalhar o cotidiano, a criar obras a partir do diálogo, da vivência, da nossa cultura local, fazendo com que, a partir destes pontos, venham a surgir, assim, diversas inspirações para a produção artística.

Deste modo, ao entrar na universidade e ao me tornar discente pesquisador, passei a trabalhar com a arte naïf no processo educativo como instrumento de desenvolvimento e aprendizagem no curso de História por meio do incentivo e fomento à cultura, o que me possibilitou, assim, novas formas de aprendizagem. Este processo me despertou novos olhares para uma educação mais ampla e dinâmica, que traz a relação arte e cotidiano cada vez mais próxima destes indivíduos, transmitindo o ensino de modo mais leve, utilizando como instrumento deste processo as raízes da cultura destes indivíduos e suas relações com seu espaço de vivência, como forma de troca de conhecimento e desenvolvimento no processo de aprendizagem. Desde então, o processo de aprendizagem tornou-se algo mais leve e de muitas descobertas de talentos. Neste sentido, é de suma importância romper com essa visão artística eurocêntrica que, por vezes, é perpassada nas salas de aula, distanciando indivíduos de seu processo artístico.

Faz-se necessário, portanto, provocar relações de proximidade dos educandos com a arte, para que estes indivíduos possam se sentir representados,

seja pela cultura em que está inserido, seja pelo espaço que os representa na sociedade. Para tanto, é necessário compreendermos que há uma diversidade cultural que nos rodeia e que se faz presente no nosso cotidiano.

O termo cultura costumava se referir às artes e às ciências. Depois, foi empregado para descrever seus equivalentes populares — música folclórica, medicina popular e assim por diante. Na última geração, a palavra passou a se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar) (BURKE, 2005, p. 28.).

É necessário trazer a arte naïf para o ambiente educacional. Tal ação poderá fazer com que o alunado reconheça seu processo artístico e, a partir disso, possa se inspirar e assim desenvolver o seu eu artístico a partir de seu contexto cultural, social, de vida, ou do contato com pessoas próximas que possam lhes servir como inspiração neste processo.

Esta pesquisa se insere na História da Arte, trabalhando, assim, com duas fontes, sendo elas a escrita e a imagem, ambas perfazendo uma complementação do diálogo, tendo como recorte principal as representações culturais e cotidianas da Paraíba na estética artística naïf bem como enaltecendo sua tradição, festejos, memórias e representatividade do povo nordestino. Como forma contínua e complementar deste artigo e para uma melhor experiência e contato direto com este segmento artístico, será realizada minha primeira exposição individual de arte naïf, no Casarão da Cultura da cidade de Guarabira. Essa exposição tem como temática “A Paraíba sob um olhar Naïf: A cultura e o cotidiano que tecem a nossa identidade” contando com trinta obras que retratam o início de minha trajetória artística no campo da arte naïf e destacam o grande apreço pela cultura, cotidiano e pela tradição desta terra. O caminho que eu percorri teve uma forte contribuição no meu processo de desenvolvimento artístico, rememorado por meio da representatividade, das tradições, dos festejos e do cotidiano característicos da cultura paraibana em geral.

## 2. GUARABIRA: A CIDADE QUE BRINCA COM AS CORES

A cultura popular cujo intuito é fomentar e manter viva a tradição e a memória dos festejos e as principais manifestações que marcam a sociedade aborda, atualmente, uma diversidade de práticas presentes na sociedade, perpassadas de geração a geração. Tais práticas assumem o papel de manter de modo contínuo e vivo esta manifestação cultural, como forma de ancestralidade presente na sociedade, sendo estas práticas expressadas por músicas, danças, teatro, pintura, jogos, ritos, entre outros)<sup>2</sup>.

Há uma variação muito ampla dos sentidos agregados à palavra cultura, no Nordeste. Desta forma, na Paraíba assim como em outros estados do Nordeste, a palavra cultura nos permite um leque muito amplo e colorido das mais diversas práticas existentes neste território: o coco, a ciranda, a pintura, o grafite, o teatro, a música, as manifestações artísticas, dentre outros.

Uma das importantes conquistas culturais é o reconhecimento da lei de N° 11.572 de 10 de dezembro de 2019 que declara como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado da Paraíba a arte naif e dá outras providências. Ainda no art. 2° oficializa a nomenclatura dada por Alexandre Filho à Cidade de Guarabira, quando destaca que “A cidade de Guarabira fica declarada como Capital Cultural da Arte Naif”.

Para (COSTA, 2007), “O naif apresenta características ingênuas, impulsivas, primitivas, mas também dialoga com a “Arte Popular”, por ser original, apresentar obras únicas, trabalhar com temas do cotidiano e do imaginário, ligados a um universo rural e/ou suburbano e ter artistas identificados”. Contudo, falar de arte Naif é compreender esta produção artística como um processo de resistência em seu processo de reconhecimento enquanto arte, pois diversas nomeações foram atribuídas pelos críticos das artes para estes artistas que não possuíam formação artística na área de artes plásticas. Por esta razão, nomes como arte Naif, arte primitiva, arte ingênuo, até mesmo arte bruta, eram vistos como algo duvidoso

---

<sup>2</sup> Segundo Maffesoli (2001), a cultura, no sentido antropológico dessa palavra, contém uma parte do imaginário. Mas ela não se reduz ao imaginário. É mais ampla. Da mesma forma, agora pensando em termos filosóficos, o imaginário não se reduz à cultura. Tem certa autonomia. Mas, claro, no imaginário entram partes de cultura. A cultura é um conjunto de elementos e de fenômenos passíveis de descrição. O imaginário tem, além disso, algo de imponderável. É o estado de espírito que caracteriza um povo. Não se trata de algo simplesmente racional, sociológico ou psicológico, pois carrega também algo de imponderável, um certo mistério da criação ou da transfiguração.

enquanto arte.

A arte naïf passou por um processo de exclusão através dos críticos<sup>3</sup> das artes que mantinham, para esta produção artística, seus olhares atravessados. A arte naïf, quando desconsiderada como arte, questionada se de fato tratava-se de arte, foi muito menosprezada. Seus artistas, eram chamados de “artistas de domingo”. Tal denominação foi dada pelos críticos das artes e soa como um termo pejorativo, visto que há um desfavorecimento artístico para com os criadores de obras de arte naïf. Muitos dos críticos mantinham um olhar extremamente excludente sobre estes artistas, vistos como aqueles que produziam arte como um hobby, algo relaxado e descontraído. Ou seja, aqueles que se utilizam de seu descanso para assim colocar em pratica seu “hobby”. Na realidade, o uso deste termo trata-se de uma tentativa de desqualificar essa produção artística, devido grande parte dos artistas naïfs não terem uma capacitação acadêmica.

A estética naïf é um exemplo claro de uma produção artística "entre culturas". Suas imagens, com cores fortes, formas distorcidas, figuras e cenários bucólicos, apontam aproximações formais com a arte popular, o artesanato e a arte infantil. Essa produção visual, apesar das críticas e dos preconceitos, conquistou uma fatia significativa do mercado de arte desde o início do século XX, fator fundamental para sua permanência enquanto tendência artística no mundo contemporâneo (COSTA, 2007, p. 30).

O termo arte naïf pode ser considerado duplamente como arte ingênua, já que há dois modos de observar esta terminologia: se, por um lado, aos olhos “ingênuos” da sociedade, nos remete aos traços simples e criativos, típico, dos desenhos infantis, transmitindo leveza e simplicidade no processo criativo, por outro lado, também, nos remete à propagação de uma visão muito limitada e pautada nos ideais dos críticos das artes que, ainda na atualidade, usam a terminologia “ingênua”, quando deveriam usar o termo “popular”. Esta denominação seria mais adequada ao termo arte naïf, visto que este tipo de arte tem um grande potencial expressivo cultural no qual o indivíduo está inserido. Há, na arte naïf, uma forte identidade de um povo, do cotidiano, do despertar através das cores que nos transmitem uma relação de conectividade com nossas raízes. Através dessa sensibilização, a arte

---

<sup>3</sup> Um crítico de arte escreve resenhas de obras individuais ou de exposições, seja para um público leigo, seja para um mais especializado. Seus artigos aparecem em plataformas como: jornais, revistas, periódicos acadêmicos e blogs de arte. Baseando seus julgamentos em elementos objetivos e racionais, esses profissionais possuem uma metodologia de trabalho que envolve: descrever, analisar, interpretar e avaliar.

naïf nos desperta emoções, lembranças, vivências, o cotidiano e a cultura do espaço em que estamos inseridos. Desse modo, a arte Naif vai muito além de ser “ingênua”; ela rompe a barreira do pensamento crítico artístico, abrindo um campo muito amplo do saber, criando relações amplas, dialogando com várias temáticas, como a cultura e o cotidiano em que cada indivíduo se insere, possibilitando uma gama de oportunidades para se trabalhar essa tão rica e expressiva forma de aprendizagem e para desenvolver o eu criativo, o eu artístico.

As obras naïfs apresentam muitos elementos da tradição, conservação e manutenção das memórias populares. A pintura naïf, com sua distância da lógica das convenções circundantes, sua aparente ingenuidade e conservação da aura de exótico ou popular, representa universos particulares de vida, lembranças de um tempo rural presentes na memória de vida dos artistas/autores. (COSTA, 2007. p.82.)

Ser autodidata é uma das principais características que marca a arte naïf, bem como o artista na utilização de seu espaço de vivência como fonte de inspiração para a criação de suas obras. Não conter uma formação acadêmica é uma das principais características da arte naïf, visto que esta característica se faz presente já no período antes mesmo das vanguardas europeias em que Henri Rousseau passa pelo processo de rejeição de sua arte, por parte dos grandes críticos da arte, justamente por não derivar desta capacitação acadêmica. Neste contexto, as vanguardas europeias chegam e trazem consigo o fortalecimento da arte naïf com seu devido reconhecimento enquanto arte. Essa autonomia criativa, por vezes, permite ao artista a liberdade de trabalhar diversos temas, sem se preocupar com as estéticas e normas acadêmicas. Trata-se de um tipo de arte que permite ao artista um campo muito amplo de se trabalhar a liberdade criativa e que assegura uma liberdade de expressão ao manifestar seus olhares e críticas a determinada temática. É bastante comum os artistas naïfs trazerem para suas obras a representação da cultura de seu estado, da sua cidade, trabalhando seus olhares e perspectivas sobre o cenário no qual estão inseridos, despojando-se da criatividade, fazendo uso de técnicas e cores vibrantes que trazem aos olhos do público uma atenção e o despertar para um pouco da poética e da cultura na qual estes artistas estão inseridos.

## **2.1 As cores tomam conta da cidade: Guarabira e o surgimento do primeiro grupo de artistas naïfs**

Um grande destaque cultural na arte naif, que é a cidade de Guarabira, tem sido nomeada pelo grande artista naif Alexandre Filho<sup>4</sup>, como a capital da arte naif, nomeação esta dada pelo reconhecimento da grande quantidade de artistas Naifs que compõem a cidade e fomenta cada vez mais a cultura, incentivando, assim, o surgimento dos novos artistas naifs

Dentre os artistas veteranos ativos no meio artístico da cidade de Guarabira, reconhecido internacionalmente e considerado o pai da arte naif na cidade, está o artista Adriano Dias<sup>5</sup>, que tem sua trajetória iniciada no campo artístico naif no ano de 1997, com sua primeira exposição de arte naif. Adriano faz parte do primeiro grupo de artistas da cidade de Guarabira, responsável durante a gestão do prefeito Zénobio Toscano por fundar o Festival Internacional de Arte Naif (FIAN) no ano de 2018. Este evento levou Guarabira a um reconhecimento internacional, por apresentar obras de diversos países do mundo, com uma exposição com mais de cento e vinte artistas de vários países.

Adriano Dias, uma das referências da arte naif, acompanhou todo o processo da chegada dos novos artistas à cidade de Guarabira, bem como o surgimento da geração de artistas naifs da cidade, no qual ele também já se encontrava ativo neste processo artístico. As ações desenvolvidas por este grupo promovem o despertar de uma parcela da juventude através da representatividade, e por meio da forte ligação com a cultura popular, pois trabalha, também, com a representatividade das comunidades periféricas.

## **2.2 Arte naif e educação: Um mergulho no cotidiano artístico, colorido e cultural que visa dinamizar o processo de desenvolvimento e aprendizagem**

As palestras e ações educativas trabalhadas nas escolas, voltadas para a arte naif tornam mais viável o autorreconhecimento destes indivíduos (estudantes) com a

---

<sup>4</sup> Manuel Alexandre Filho é paraibano, da cidade de Bananeiras, onde nasceu em 1932. Morou muitos anos no Rio de Janeiro, onde começou a pintar, sendo autodidata. Nos anos 80 voltou para a Paraíba, residindo atualmente em João Pessoa. Realizou sua primeira exposição em 1966, no XV Salão Nacional de Arte Moderna do Rio de Janeiro, e de lá para cá foram cerca de 90 exposições entre individuais e coletivas em 15 países diferentes, como a Bélgica, Nigéria, Portugal, França, Alemanha e Espanha.

<sup>5</sup> Adriano Dias é um nome de referência no estilo "Naif", um artista visual, autodidata que ingressou no mundo das artes no ano 2000. Seu trabalho aborda cenas do cotidiano nordestino, mesclando elementos da religiosidade, imaginário infantil e festejos populares, num profundo resgate de suas reminiscências no interior. Adriano faz da sua arte uma espontaneidade e criatividade autêntica.

arte naif. Proporcionam o despertar, o interesse por este tipo de produção artística. A inspiração e a consequente produção permitem que estes indivíduos tenham autonomia no uso da criatividade, produzam, a partir de sua realidade cotidiana cenários que compõem sua vivência, estabelecendo, assim, uma relação de conectividade do indivíduo com o seu contexto sociocultural. O fomento da arte na educação abre novos olhares para compreensão do que se trata a palavra arte. Essa liberdade em trabalhar a criatividade cujo intuito é trazer os novos olhares, impressões, sentimentos, emoções, críticas e formas de registrar, por meio das cores, vivências, cenários e memórias registradas ao longo da vida cotidiana. Assim, a arte naif é uma arte mais do povo, por estar mais próxima da realidade das comunidades.

Conforme mencionado, a arte naif traz a representatividade das comunidades periféricas e suburbanas por meio das pinceladas de cores e vida, o que não a torna única no que se refere à palavra representatividade no campo artístico, mas a torna mais próxima destas comunidades, criando laços de conectividade que convidam estas pessoas a conhecerem e a descobrirem seu lado artístico bem como a se juntarem a esta manifestação artística. Estas ações, sendo desenvolvidas dentro das escolas, torna mais viável o processo de aprendizado artístico. O alunado que convive nestes espaços educativos, tem contato direto com este tipo de arte e com a representação artística por meio da influência tanto dos grupos veteranos quanto dos novos artistas naifs que a cada ano vem se descobrindo de forma mais libertadora. São artistas que manifestam suas ideias e cotidiano, que transmitem de um modo mais leve e dinâmico, nas suas obras, o ensinamento ancestral, o ensinamento que a comunidade mantém viva, os saberes e costumes da comunidade, o que leva a estes indivíduos o despertar em descobrir o seu eu artístico.

O ensino médio foi um importante processo no meu reconhecimento artístico, pois foi através de um componente curricular eletivo, que trabalhava as vanguardas europeias que pude ter a primeiro contato com a arte naif. Foi em uma aula a campo em visita ao FIAN (Festival Internacional de Arte Naif) que essa relação arte e cotidiano me fez enxergar o meu potencial artístico. A partir deste momento, a arte naif passou a integrar parte de minha vida, abrindo novos olhares e perspectivas para a multiculturalidade pertinente no estado e no espaço no qual convivo.



### 2.3 Adriano Dias pelas cores de Guarabira

Como um dos artistas guarabirenses mais influentes e inspiradores no campo da arte naïf, Adriano Dias utiliza como referência, para a criação de suas obras, o cenário do espaço onde convive, a cultura do estado da Paraíba, o cotidiano, o Folclore, bem como o cotidiano nordestino. Por meio das cores vivas e vibrantes, retrata uma poética da vida no interior paraibano, destacando as manifestações culturais presentes através do seu olhar naïf. Adriano, que iniciou seu processo artístico na cidade de Guarabira, fez parte do grupo de grandes artistas que iniciavam sua carreira artística na cidade, entre estes estavam Clóvis Júnior<sup>6</sup> e Alexandre Filho.

Imagem 1 - Cavalo Marinho, Adriano Dias, 2014, AST



Fonte: Acervo do museé International D´art Naif de Magog

---

<sup>6</sup> Clóvis Dias Júnior nasceu na cidade de Guarabira – PB (1965), radicado em João Pessoa, onde veio morar desde os 17 anos de idade. O artista trabalha com pinturas, esculturas e gravuras. Sua primeira participação como artista plástico foi no ano de 1983, aos 18 anos de idade. Em 1985, ingressou no curso de educação artística - UFPB. Faz curso de gravura, Prof. Hermano José, UFPB.

O artista Adriano Dias, em breves diálogos em entrevistas publicadas destaca três de suas obras que marcou sua trajetória artística, dentre elas a obra Cavalo Marinho (imagem registrada anteriormente) que fez parte da exposição “Rendez-vous international à Magog” no Musée International D’art Naif de Magog no ano de 2014. Esta obra tem uma poética que interliga a cultura do norte pernambucano com a cultura do sul paraibano e tem, como característica, a dança, o teatro, a poesia e a presença de personagens mascarados de bichos, como boi e cavalos. A brincadeira é realizada por trabalhadores da zona rural que, com suas vestimentas coloridas e seu gingado, encenam ao ar livre, com cantos e declamações de poemas. E no dia seis de janeiro, a festa é encerrada, celebrando o dia de Reis.

As cores vivas presentes na obra e as características das casas da zona rural reforçam a originalidade desta manifestação cultural; como plano de fundo, as serras e casas com seus coqueirais e as plantações fortalecem a identidade interiorana, destacando o cotidiano vivido nestes espaços, por meio das ações das pessoas ali presentes. Outra ação registrada na obra: o céu estrelado é tomado pelo colorido dos fogos e balões como um gesto de agradecimento e celebração a este momento. De forma centralizada, podemos observar, também, na obra, a presença da religiosidade, do poder religioso, representado pela capela que contrasta com o conjunto de casas de cores vibrantes que compõem o cenário. O público, dispendo de suas melhores vestimentas aguarda a encenação; os pequenos comerciantes aproveitam este momento festivo para a venda de seus produtos, como pipocas e guloseimas; a obra tem, em destaque, o cavalo e o capitão. O corpo do cavalo é coberto por um tecido composto por uma variação de estampas de chita, onde está registrado o enredo da história do cavalo marinho; os galantes com suas roupas brancas se destacam com um adereço multicolorido de fitilhos que integra parte de seu figurino, tornando o espetáculo marcante aos olhos do público; a variação de características e tons de pele se faz bastante presente na obra. O modo como a obra retrata esta manifestação nos mostra a organização de poder: o capitão como o homem branco, no centro da obra, enquanto o negro está na posição de serviçal do capitão branco.

Esta obra integra, atualmente, o acervo do museu de Magog no Canadá, deixando, assim, no exterior, um pedacinho da cultura tanto paraibana quanto pernambucana registrada por meio da estética da arte naif. Lá estão, de modo leve

e vivo, a cultura destes estados, a alegria das cores e o contexto nordestino, retratado por meio do movimento artístico “arte naïf”, levado para além do Brasil.

Na tentativa de expressar o seu entorno, os pintores naïfs frequentemente retratam, de maneira decorativa e anticonvencional, as formas e cores que os cercam, representando muito mais seu universo interior do que as imagens externas do mundo (COSTA, 2007, p.65).

É bastante nítido o uso extravagante das cores neste segmento artístico. Esse brincar com as cores bastante característico da arte naïf possibilita ao artista essa revelação do interno, que muitas das vezes reflete em memórias vividas ou reprimidas ao longo da vida. Ao ser canalizado para o campo artístico, traz o desejo de registrar, seja como forma de alívio da memória e desejo reprimido, seja pelo desejo de manter vivo os afetos e momentos que marcaram sua trajetória de vida. É evidente essa forte identidade do artista em suas obras. A cada detalhe destacado em sua obra, torna-se mais fácil o reconhecimento da obra e do artista que a produziu, por meio dos traços característicos que a tornam única.

Imagem 2 - Procissão de Nossa Senhora da Luz, Adriano Dias, 2021, AST



Fonte: Acervo do Pe. Kleber

Conhecida por ser a Padroeira da cidade de Guarabira, Nossa Senhora da Luz tem grande destaque na cidade. A igreja matriz leva o nome de Catedral de Nossa Senhora da Luz, comemorada com procissão, missas e festejos, no mês de fevereiro. A procissão de Nossa Senhora da Luz é um momento único de junção de fé e devoção e reúne fiéis de toda região, para juntos, com cânticos e louvores, seguirem celebrando este evento marcante para os fiéis católicos que é a procissão da padroeira da cidade. É esse contexto, evento de grande significado para a cidade de Guarabira, que o artista Adriano Dias, por meio de seu olhar Naif, retrata na obra intitulada Procissão de Nossa Senhora da Luz, com suas cores reluzentes, marcada por uma forte devoção e junção em prol de celebrar este momento que ocorre anualmente.

Como plano de fundo desta obra, traz a matriz com sua arquitetura eclética<sup>7</sup>, que, juntamente com sua torre, rasga o céu da cidade, interligando-se ao cenário e deixando em destaque a forte presença do poder religioso sobre a cidade. Essa Igreja, conforme já mencionado, leva o nome da divindade, juntamente com um céu azul esplêndido, retratando, assim, uma poética que enaltece as belezas arquitetônicas da cidade, destacando a forte presença da devoção. Um grande marco de liberdade não só para Guarabira, mas para todo o cenário paraibano. As expressões faciais de cada pessoa ali presente interligam-se ao mundo celeste. Esta obra tomou grandes proporções, por meio da sublimação. Tornou-se modelo de fardamento da igreja. Várias impressões estampavam a Catedral de Nossa Senhora da Luz. Sua poética encanta os olhos, por tamanha beleza, cada detalhe, desde o cuidado em retratar cada parte da arquitetura tanto da igreja quanto das casas localizadas ao redor da matriz até o semblante de cada pessoa ali presente. É perceptível o cuidado com a imagem da divindade, tornando-a centro da obra, enriquecendo-a com as delicadas flores (símbolos de Nossa Senhora) com os traços e cores ali presentes, retratando, assim, a poética do artista.

Sobre o olhar do público, há nas obras Naifs uma riqueza de cores vibrantes

---

<sup>7</sup>O Eclétismo foi a expressão da arquitetura que se manifestou após o Neoclassicismo, apoiado, principalmente, pela burguesia em ascensão. O século XIX foi uma espécie de renascimento na arquitetura. Um por um, diversos estilos do passado foram tornando-se populares. Primeiro houve o renascimento grego-romano. As casas, os bancos e edifícios governamentais em estilo clássico surgiram por todo a Europa e América. A seguir veio o Renascimento gótico que se tornou o estilo mais comumente usado nas igrejas, nas universidades e nos edifícios públicos.

muito presente. O brincar com as cores e estampas reforça a autonomia e identidade do artista, tornando a obra única e exclusiva, bem como a aproxima do público de modo mais cativante, destacando, por meio do registro artístico, a importância do poder religioso sobre a cidade, viabilizando a interação público com este segmento artístico. Na expressividade do público da referida obra mostra-se evidente o semblante de realização e conexão com o divino. As características, variação e delicadeza das rosas, perpassa o cuidado e dedicação ao celebrar este momento singular, que remete também à ideia de continuidade do público mais antigo para o das novas gerações; a combinação do ciano com o alaranjado da igreja traz um destaque importante para a obra, tornando ainda mais reluzente a igreja e sua divindade. É válido pontuar na obra, a variação do público presente: uma variação de faixa etária, com tons de pele e características que contribuem para uma representação do público. A junção de tudo isso transmite, simbolicamente, a união, neste momento de celebração da imagem<sup>8</sup> da divindade.

Imagem 3 - Festa no Parque, Adriano Dias, 2024, AST



Fonte: Acervo do Sesc Paraíba

<sup>8</sup> A análise da imagem (incluindo a imagem artística) pode, entretanto, preencher funções diferentes e tão variadas como proporcionar prazer ao analista, aumentar os seus conhecimentos, instruir, permitir a leitura ou conceber mais eficazmente mensagens visuais [...] Demonstrar que a imagem é realmente uma linguagem, uma linguagem específica e heterogênea; que a este título se distingue do mundo real e que propõe, por meio de signos particulares, uma representação escolhida e forçosamente orientada; distinguir os principais instrumentos desta linguagem e o que significa a sua presença ou a sua ausência; relativizar a sua própria interpretação, embora sempre compreendendo os seus fundamentos.



A referida obra do artista Adriano Dias intitulada “Festa no Parque” traz, em sua poética, elementos que pertencem à cultura e à culinária nordestina incluindo-se, nesta, a culinária paraibana. A obra faz uma referência à Festa da Luz em tempos passados. Essa festa, que tem parte religiosa e profana, dispõe de uma rica variação de cores e movimentos, conforme podemos observar. Como plano de fundo da obra se faz presente um conjunto de casas que, de modo colorido, destaca a arquitetura e o modo de vivência no passado. É nítida a preservação de brinquedos como a roda gigante, a canoa e o carrossel nas festas de interior, bem como as barracas de comidas típicas que, de modo bastante característico nessas festas, são representadas por elementos como a maçã do amor, o algodão doce, a pipoca e a uva recheada.

A diversão para o público adulto era as barracas de bingos e de tiro ao alvo. Este modo de diversão reunia pequenos grupos de jogadores que, de modo divertido, buscavam obter um prêmio. Na barraca do tiro ao alvo, por exemplo, eram mais guloseimas como doces, caixas de chocolate e pacotes de pipoca. Eram muito frequentadas por aqueles pais que buscavam, por meio da brincadeira, acertar as guloseimas para alegrar a noite dos filhos, garantindo, assim, a diversão pai e filho; na barraca do bingo os prêmios eram variados e cada vez mais atrativos aos olhos do público adulto: utensílios para casa e brinquedos como ursos de pelúcia e bolas de futebol compunham os brindes do referido bingo; havia, também, o jogo do copo no qual o jogador teria que adivinhar onde estava a bola entre os três copos ali presentes e muitos jogadores apostavam uns com outros, em uma tentativa de acerto, tornando, assim, a brincadeira mais animada e descontraída.

Conforme podemos observar no público da referida obra, a vaidade era bastante presente. As mulheres se produziam para a noite de festa usando roupas estampadas e decotadas que tornavam a noite ainda mais colorida e embelezada; os homens com suas camisas de xadrez e listras, calças seguidas por sapatos e por vezes chapéus, mostravam ter o cuidado em manter a estética de uma vestimenta mais elegante e propícia ao evento. Um misto de pessoas com diferentes cores, características e faixas etárias integra a festa do parque. Pode-se observar a relação de diálogo entre as pessoas ali presentes e o modo como desfrutam do momento festivo. O espaço também foi palco para os casais apaixonados que, de modo romântico, desfrutam do momento festivo.

### **3. Os reflexos do primeiro grupo de artistas naïfs de Guarabira sob a nova geração de artistas e o surgimento de novos grupos**

Um exemplo deste reflexo é o Coletivo de Mulheres da Arte Naïf na Paraíba que é composto por onze mulheres de diferentes cidades da Paraíba, dentre elas a artista Analice Uchôa. Este coletivo que é dedicado às mulheres, surgiu no período da pandemia do Covid-19, por meio da iniciativa de mulheres artistas que, juntas, resgataram outras mulheres artistas que se encontravam em um doloroso processo de depressão. Estas mulheres, após a descoberta artística, passaram a integrar o coletivo, e juntas, mantêm viva a cultura do estado paraibano. Esse coletivo está sempre em constante diálogo com a sociedade, levando vidas e cores para todo o estado de forma autodidata, proporcionando e fomentando cada vez mais o reconhecimento artístico da sociedade no campo da arte naïf por meio de exposições, palestras e oficinas como instrumento de propagação do trabalho coletivo artístico que tanto enaltece a diversidade cultural paraibana.

Eu posso afirmar, enquanto artista, que estou entre o grupo de artistas naïfs que surgiram, ao longo dos anos, como a geração de novos artistas que descobriram o seu eu<sup>9</sup> artístico. Eu me encontrava em um processo de metamorfose artística, quando recebi influência do grupo de artistas da cidade de Guarabira que, juntamente com o apreço pela arte naïf, impulsionou-me a descobrir o meu processo de identificação no segmento artístico, do meu desejo de registrar, com cores vivas, minha trajetória. Passei, então, a retratar, por meio das cores, os cenários, culturas e cotidianos vivenciados em meu espaço, utilizando, como instrumento de auxílio no processo criativo, o diálogo com os mais experientes da família, especificamente minha avó materna. Ao recordar sua trajetória árdua, composta por um cenário cheio de monotonia, busco repassar a vida no interior e o processo de criação dos filhos, juntamente com a saudade em reviver os momentos de festejos, tradições e momentos que marcaram sua adolescência. Com esta preciosa ferramenta da escuta, utilizo os diálogos para, assim, trabalhar no processo de elaboração da obra.

---

<sup>9</sup> O eu artístico é o termo que utilizo para descrever o processo do artista em busca de construir sua identidade a partir de uma das vertentes da arte, é o processo em que o artista navega nas entranhas da arte em busca do segmento no qual o identifique neste processo, como exemplo a arte naïf, no qual trabalho o meu processo de identificação artístico descrevendo os processos neste segmento dentro do referido artigo.

O processo da escuta dos mais experientes da família torna cada vez mais forte a ligação e a proximidade com as origens de nossa cultura. Os relatos me convidam a mergulhar mais a fundo na vida interiorana e na multiculturalidade do presente, bem como na sua ancestralidade. A arte é uma forma de manter vivo todo o conhecimento e o cuidado da comunidade em preservar sua cultura, remetendo, dessa forma, para as próximas gerações, as técnicas da arte naif. Neste processo de inspiração conheci o artista Adriano Dias que, por meio de suas obras, impulsionou-me a desbravar o estilo da pintura naif, o que me levou a um reconhecimento enquanto artista que produz arte naif. Desde então, durante minha trajetória artística, três obras de minha autoria que compõem o meu acervo<sup>10</sup>, marcaram de modo singular o meu processo criativo e artístico no campo da arte naif.

Imagem 4 - Pau de Arara nordestino, Lucas Artes, 2023, AST



Fonte: Acervo pessoal do autor

Diante dos vários cenários que compõem a Paraíba e seus costumes populares, destaca-se um dos principais meios de transporte utilizados na zona rural para locomover-se até a zona urbana: o pau de arara. Esta obra foi idealizada a

---

<sup>10</sup> O acervo do autor é um espaço em minha residência que utilizo para preservar e manter próxima a mim algumas das obras que mais marcaram minha trajetória; estas obras, em sua maioria, são construídas em um processo de interação, no diálogo com meus avós e geram um valor sentimental muito significativo para mim.



partir de relatos de vida da matriarca de minha família, minha avó, quando, de modo singelo, descreve o processo de locomoção até a cidade. Este transporte faz parte da identidade da construção da Paraíba e, também, da vida dos cidadãos paraibanos; faz parte dos costumes populares presentes no estado. O brincar com as cores vibrantes e chamativas traz não só uma poética de um cenário nordestino castigado pelas secas, mas também um cenário representado pelo verde e amarelo que resiste a este processo. Como plano de fundo a obra traz, de modo representativo, o colorido dos tecidos com sua diversidade de estampas que, unidas, formam um lençol de retalhos. Linhas, estampas e cores revelam a identidade nordestina do artesanato, bem como retratam a vida alegre e colorida do se reinventar por meio da criatividade. Este cenário está interligado com a obra, trazendo a imagem do pau de arara com uma borda, criando uma característica da moldura, o que exhibe este processo como um tipo de espelho que reflete nas ondas do tempo a vivência de um povo que mesmo com tantos obstáculos, na dura monotonia e em uma tentativa de sobreviver, se mantém alegre e cheio de fé, levando a resistência do ser nordestino durante o processo de luta por uma melhoria de vida.

O pau de arara é um meio de transporte cuja finalidade não era somente servir de locomoção até a cidade, mas também como era uma das estratégias que se utilizavam para fugir das secas que castigava o sertão nordestino. Quando chegava o período de estiagem e a seca aumentava, as pessoas pegavam o pau de arara, e iam para uma cidade que lhes proporcionasse água e trabalho para sobreviverem. Esta estratégia de fugir da seca por meio do pau de arara acabou levando muitos dos nordestinos para as grandes capitais, visto que era mais viável, por ter uma ampla área de comércio o que tornaria mais fácil o trabalho para atender às suas necessidades. Para tanto, muitos deixavam um pedaço de si em busca de sobreviver, mas nunca abandonando a fé e a esperança dos dias melhores, para assim que fosse possível, voltar aos seus lares. A obra traz essa visão reflexiva de um processo de desejo por dias melhores, de mudança, não somente na Paraíba, mas no Nordeste como um todo. Este sofrido espaço geográfico se encontrava em um processo de desenvolvimento. Mesmo diante das fortes secas que assolam o território, a capacidade de se reinventar do nordestino ressurgiu com a pulsão de vida e da luta por sobrevivência, pelo desejo de buscar e persistir, mantendo a fé sempre em dias melhores.

Imagem 5 - Bem-vindos à vila de São João de Bananeiras, Lucas Artes, 2024, AST



Fonte: Acervo pessoal do artista

Atualmente a cidade de Bananeiras na Paraíba se destaca por seu São João, assim a escolhi entre outras para representar a pluralidade desta festividade tão representativa da cultura nordestina. Como um dos eventos juninos que tem seu destaque na cultura paraibana, exibindo o modo criativo em que a festa de São João acontecia no passado, esta obra tem como título Vila de São João de Bananeiras em alusão ao nome concedido à vila. Com a presença de poucas casas e celebrando com muito entusiasmo o São João, por meio de suas cores vivas, busco retratar como se dava o período quando Bananeiras era uma vila, e tinha um espaço festivo na vila de modo sucinto. Busco referenciar sobre a origem do nome da cidade através de elementos que se destacam no decorrer da obra. Neste processo, a junção dos relatos de experiência e das celebrações juninas, antes vividas no povoado, serviu de total inspiração para a produção artística da obra.

A obra, conforme podemos observar, possui uma rica composição de cores fortes e vibrantes, elementos de referência ao nome da cidade, como os pés de banana e o trio de bananas que integra a cidade, trazendo a originalidade do referido nome dado ao local. As casas, em sua maioria, possuem uma arquitetura do passado, revelando por meio de seus detalhes o modo característico do processo de formação da vila, as pessoas de modo a prestigiar a dança da quadrilha assiste à apresentação pelas janelas de suas casas, mantendo as brincadeiras e as celebrações, mostrando também a fé e a alegria que tomavam conta do pequeno

povoado, preservando, assim, a religiosidade e a tradição dos festejos comunitários vivos.

O público jovem, que são os filhos e os familiares frutos dos integrantes desta vila, integra a quadrilha. Os rapazes, com suas camisas estampadas em estilo junino, composto por seus chapéus de couro e fitilhos coloridos, tornam a noite ainda mais colorida e animada; as mulheres dispunham seus arranjos sobre a cabeça com brilho, seguido por um acessório sobre os ombros multicolorido e com muitos fitilhos, com uma saia armada que traz o colorido e o balançado dos fitilhos no gingado da dança. A apresentação da quadrilha é marcada pelas fortes cores dos fogos de artifício que estampam a noite de festa juntamente com as chamas da fogueira que se destaca na referida obra. Há, também, o assar do milho na fogueira, representado pelo varão com o milho em sua ponta, um costume muito tradicional que reforça os traços dessa manifestação cultural, dando continuidade à tradição da Vila de São João de Bananeiras.

Isso faz parte dessa poética, mantendo registrada um pedaço da história da cidade, que é utilizada como referência para, assim, exibir as diversas formas que a Paraíba celebra o São João. O contexto da obra se insere em um São João rural, um espaço rural, conforme podemos observar, com calçamento e com a presença de monumentos, como por exemplo, a escultura de Nossa Senhora do Livramento, padroeira da cidade de Bananeiras.

Imagem 6 - Monalisa nordestina, Lucas Artes, 2024, AST



Fonte: Acervo do casarão da cultura, Guarabira-PB

Esta é uma obra do meu processo artístico, particularmente, importante, pois quando passei a produzir arte naif ainda fiquei um bom período utilizando como inspiração para produção artística a cultura europeia, e, para tanto, quando comecei a desbravar a cultura paraibana dentro da estética naif, tentava tecer a junção de grandes obras reconhecidas na história da arte para dentro da estética naif. Por meio dessa mesclagem, surge a obra intitulada Monalisa Nordestina, que traz a Mona Lisa de Leonardo da Vinci em um contexto nordestino. A Mona Lisa como a cangaceira, a Maria Bonita, que vive na rusticidade do nordeste, em uma casa de chão batido, composta por uma cozinha característica do nordeste, com seu fogão a lenha, o balaio de frutas sob um tamborete de madeira, juntamente com cuias, uma moringa de água e copos de alumínio, perfazendo, assim, a imagem da mulher nordestina, a visão do cotidiano da uma mulher do campo, das terras do nordeste, trazendo o empoderamento feminino e o modo característico da mulher nordestina.

Transmite, também, por meio de sua poética, a beleza do interior, o cuidado e a forma de resistência do ser nordestino, mantendo uma relação de conectividade destes indivíduos através da adaptação artística com seu espaço social e cultural, no qual, considerando uma grande obra de arte como a Mona Lisa, é estabelecida uma relação de proximidade, utilizando como mediador, para isto, a adaptação. Desta forma, a cultura, a tradição e a representação de um povo, de uma História é enaltecida, buscando romper com visões eurocêntricas que distanciam destes indivíduos a valorização cultural de seu espaço.

Contudo, trazer uma grande obra dentro de um contexto cultural e social na qual o indivíduo convive cotidianamente, faz com que este passe a enxergar a cultura que o rodeia de modo mais detalhado. Esta cultura faz parte do processo cotidiano de construção pessoal do artista, enquanto ser humano e cidadão que representa e compõe uma determinada comunidade/ sociedade. Traz a liberdade de modo leve e inspirador para aqueles que se encontram em um processo do despertar artístico. É um importante instrumento para se trabalhar na educação, no processo de ensino e de aprendizagem, considerado que a representatividade cultural e social desperta no alunado o desejo em conhecer cada vez mais suas raízes culturais, sociais e ancestral a fundo não somente a arte Naif, mas aquilo que essa arte representa, bem como o desejo de desenvolver o aprendizado de modo mais leve e descontraído, tornando assim o ensino mais dinâmico

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A grande influência do grupo de artistas Naifs da cidade de Guarabira teve um forte reflexo positivo no universo da arte Naif e no mundo, com a presença de grandes artistas que integravam este grupo, no qual cada um com seu traço, técnicas e formas de ver o mundo levou ao surgimento e a descobertas de novos artistas com seus olhares cada vez mais aguçados em sua cultura, registrando e enaltecendo cenários pertinentes à cultura paraibana e à memória dos festejos, tradições e cotidiano. Este grupo potencializou-se, tendo um reconhecimento a nível internacional. Diversos artistas naifs destacaram-se dentro deste grupo, dentre eles o artista Clóvis Júnior, Adriano Dias e Alexandre Filho. Este último, levou não somente seu trabalho a um nível internacional, mas também a Paraíba com sua rica variação cultural, o que possibilitou a relação da arte com o cotidiano de acordo com seu espaço de vivência, fazendo com que os novos artistas, por meio da coletividade, possam, assim, criar novos grupos e manter viva a coletividade artística Naif no estado da Paraíba.

## REFERÊNCIAS

**A UNIÃO: DIÁRIO OFICIAL ESTADO DA PARAÍBA.** João Pessoa, 11 dez. 2019.

Disponível em:

<https://auniao.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/doe/2019/dezembro/diario-oficial-11-12-2019.pdf>

Acesso em: 25 jun. 2024.

BURKE, Peter. **O QUE É HISTÓRIA CULTURAL?** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. Tradução: Sergio Goes de Paula. Disponível em:

[https://drive.google.com/file/d/0B4Y-](https://drive.google.com/file/d/0B4Y-7dQdsH2ZRFFfUzVFbmxTX09VWDBKQ3FFNC13Zw/view?resourcekey=0-VPwNSLyczJi5oU8Srp5pjw)

[7dQdsH2ZRFFfUzVFbmxTX09VWDBKQ3FFNC13Zw/view?resourcekey=0-VPwNSLyczJi5oU8Srp5pjw](https://drive.google.com/file/d/0B4Y-7dQdsH2ZRFFfUzVFbmxTX09VWDBKQ3FFNC13Zw/view?resourcekey=0-VPwNSLyczJi5oU8Srp5pjw). Acesso em: 16 jul. 2024.

BONAMETTI, João Henrique. A ARQUITETURA ECLÉTICA E A MODERNIZAÇÃO DA PAISAGEM URBANA BRASILEIRA. Revista Científica/**FAP**, Curitiba, v. 1, n. 1, 2007. DOI: 10.33871/19805071.2006.1.1.1741. Disponível em:

<https://periodicos.unespar.edu.br/revistacientifica/article/view/1741> . Acesso em: 31 out. 2024.

COSTA, Robson Xavier da. **TRAJETÓRIAS DO OLHAR:** pintura naif e história na arte paraibana. 2007. 204 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História,

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6036/1/arquivo%20total.pdf>

Acesso em: 16 jul. 2018.

JOLY, Martine (1994) — Introdução à Análise da Imagem, Lisboa, Ed. 70, 2007 — Digitalizado por SOUZA, R. Disponível em: <file:///C:/Users/lucas/Downloads/Introdu%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0%20An%C3%A1lise%20da%20Imagem%20-%20Martine%20Joly%20.pdf>. Acesso em: 31 de out de 2024.

MAFFESOLI, Michel. Michel Maffesoli: o imaginário é uma realidade. Revista FAMECOS, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 74–82, 2008. DOI: 10.15448/1980-3729.2001.15.3123.

Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/3123> Acesso em: 3 set. 2024

PONTES, Edna Matosinho de. **Galeria Pontes:** Alexandre Filho. 2011. Disponível em: <https://www.galeriapontes.com.br/project/alexandre-filho/> Acesso em: 31 out. 2025.

PEREIRA, Cledir Rocha. Et al. Arte Naif; conhecimento, beleza e vivência com ênfase na arte de Adriano Dias. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 08, vol. 08, pp. 05-24. ago. de 2020. ISSN:2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/arte-naif>. Acesso em: 03 set. 2024.

PIVA, André. **Paraíba Criativa:** adriano dias. Adriano Dias. 2015. Disponível em: <https://paraibacriativa.com.br/artista/adriano-dias/>. Acesso em: 31 out. 2024.

VARELLA, Paulo. Críticos de arte: uma união entre o subjetivo e objetivo uma união entre o subjetivo e objetivo, 2024. Disponível em: <https://arteref.com/mercado/criticos-de-arte-uma-uniao-entre-o-subjetivo-e-objetivo/>.

Acesso em: 31 out. 2024.